

82.09

L759a

UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT
BIBLIOTECA REGIONAL

TOMBO Nº 00 416 158
DATA 19 / 10 / 2016
CONTROLE: 92628121
☐ COMPRA ☒ DOAÇÃO ☐ PERMUTA

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

RHELMITON LINS

O ASSASSINO: VOZES DA VIOLÊNCIA EM RUBEM FONSECA

Pontes e Lacerda - MT

2016

RHELMITON LINS

O ASSASSINO: VOZES DA VIOLÊNCIA EM RUBEM FONSECA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do Estado do Mato Grosso, Unemat, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães

Pontes e Lacerda - MT

2016



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECINIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA SEGUINTE
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães (Orientador)

Profa. Dra. Marinei Almeida (Membro)

Profa. Esp. Vanessa Pincerato Fernandes (Membro)

Pontes e Lacerda - MT

Agosto de 2016

*As gerações que sofreram, as que
sofrem e as que venham a sofrer
alguma forma de violência (s).
(Rhelmiton Lins)*

AGRADECIMENTOS

A Deus que se fez presente em todos os momentos de minha vida, não me abandonando nos momentos de desespero e, principalmente, nos finais de semestre quando em trevas eu estava.

A Unemat, universidade que, apesar das carências estruturais, me possibilitou a formação.

Ao Prof. Dr. Epaminondas Matos Magalhães que aceitou me orientar sem alguma objeção, agradeço pelas leituras atentas, dicas (ordens), as pilhas de artigos e livros que me fez ler, leituras essas que me fizeram enxergar a realidade de outra forma e a temer qualquer carro parado e com baixa iluminação interna (Passeio Noturno part. I) como também qualquer barulho que escutasse ao deitar, mas, principalmente, por me fazer enxergar meu potencial.

A banca examinadora que com leituras atenta e crítica me fez amadurecer com cada sugestão, Prof^ª. Dr^ª. Marinei de Almeida que carrega um sorriso encantador e o mostra ao argumentar sempre que a vejo em palestras e bancas de trabalho de conclusão de curso, seus apontamentos foram, para mim, de suma importância e Prof^ª. Esp. Vanessa Pincerato Fernandes, a está última agradeço pelas considerações e principalmente por me acalmar antes da apresentação deste, fala que levarei para toda a vida acadêmica e pessoal: "Você é o único aqui que tem autoridade para falar sobre seu trabalho, afinal foi você quem o fez, fique calmo."

Aos professores que fizeram parte da minha formação me mostrando que o mundo não é sempre o que pensamos e que em um texto literário tem interpretações que jamais imaginávamos como as diversas formas de comunicação e variações linguística, e que a educação somos nós que fazemos a partir do momento que aceitamos o desafio de "educar", são eles: Dr. Hélvio Moraes. Dr^ª. Madalena Machado, M^a. Ana Maria Macedo, M^a. Thalita Sampaio, Me. Divino Alex de Deus, Me. Rogério, Me. José Pereira, Me. Joil Antônio da Silva, Me. Cristina, Prof^ª. Lara de Castro, Prof^ª. Selma Kirsch, Me.

Weverton Orthiz, Me. Manuela Arruda, Prof^a. Rita de Cassia, Me. Ricardo Marques,

Sua ajuda e apoio foram para mim essenciais, não só na elaboração deste trabalho, mas por toda a vida. As palavras agora se fazem limitadas para tal sentimento que me aflora ao retratar seu papel em minha vida, a ela Benedita Maria Lins, mulher e além de tudo Mãe. A ela que me dedicou a vida, me deu amparo nas horas precisas e com brilhos nos olhos iluminou meus passos, trilhou meus caminhos e mostrou o quão forte eu sou diante do vasto mundo. A ela que me deu força, amparo, palavras de afeto, seu beijo e seu colo quando me sentia despreparado para a vida. A ela que me deu o ar, os sonhos, que comigo compartilhou risos, choros e a esperança de pessoas melhores.

A Rosana Lins dos Santos e Kleviton Lins dos Santos, meus irmãos, que nos momentos de minha ausência compreenderam que a dedicação e persistência se refletem no futuro e por compreenderem as inúmeras horas trancado em meu quarto, preso em livros e vídeos-aulas.

A Diogo Fernando de Almeida Ronnau, que surgiu para pincelar e alegrar os preparativos deste, (assim como sua mãe Clarice Ronnau) fazendo com que nos tempos vagos eu fizesse as leituras para concluir este trabalho, assim como minhas manhãs, dedicando seu tempo e paciência ao me apoiar e me levantar quando eu já estava enfraquecido, dedico a você esta música de Vanessa da Mata: "A minha herança pra você é o amor capaz de fazê-lo tranquilo, pleno reconhecendo no mundo o que a em si..."

A Adriana M. Gonçalves (Drika) que sempre, com palavras sinceras, me punha para cima exercendo um papel de suma importância na minha vida acadêmica, além de colega de turma, colega de estágio, veio em minha vida para assumir um papel que era dela, compartilhamos não o lápis, mas a vida, a você Amiga todo meu respeito e admiração. Ao Finalizar está dedicatória veio em minha mente uma música, espero que goste: "Seja qual for o seu problema fale com Deus ele vai ajudar você, depois da dor vem sempre a alegria, pois Deus é amor..."

A Antonio Gomes (Toninho), que não mediu esforços a me apoiar quando precisei, disponibilizando textos, xerox e estando presente com conselhos e leituras atentas.

Aos amigos e colegas com quem compartilhei risos e tristezas, não nominarei, pois posso ser traído pela memória, mas quero que saibam que os momentos partilhados com vocês são inesquecíveis a vocês dedico essa música: "Tem um amigo, a vida é tão bom ter amigos, a gente precisa de amigos fieis amigos irmãos..."

Em nome de Sildercharles Chaves de Souza que me faz carregar estas palavras: "Tudo o que for fazer faça o melhor, se for professor seja o melhor professor." Eu agradeço a Super Soft esta empresa que me acolheu. Aos amigos que ali fiz, aos risos que foram inúmeros, as besteiras ditas, as loucuras feitas e ao choro compartilhado eu e "Olaf" agradecemos.

Aos colegas de classe que ao longo dos anos foram inúmeros agradeço pelas contribuições tanto dentro quanto fora de classe, vocês fizeram da minha formação mais completa assim me tornando mais humano.

Aqueles que de alguma forma estiveram presente na minha formação acadêmica os meus mais sinceros agradecimentos. Talvez não existam palavras que expressem ou demonstrem os meus agradecimentos.

Obrigado!

A violência é, antes de tudo, uma questão de agressões e de maus-tratos. Por isso a consideramos evidente: ela deixa marcas.
(MICHAUD, 1989, p. 08)

RESUMO

O objetivo principal dessa pesquisa é investigar como a representação do outro - nesse caso o marginalizado - e a violência estão inseridos em *Feliz ano novo*, *Passeio noturno (I e II)* e *Cidade de Deus*, obras da contística neo-relista de Rubem Fonseca, que trouxe a representação do periférico ao dar voz aqueles que se encontram as margens da sociedade. Assim, fizemos um apanhado dos principais conceitos do que venha ser modernidade, modernização e moderno até chegar na pós-modernidade, levando em consideração as mudanças sofridas pelo homem e como ele está inserido em cada um desses cenários e, por fim, discutimos, nesse trabalho a literatura marginal e como ela conquistou o seu espaço, assim como a representação da violência e a subsequente análise dos contos escolhidos. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, lançamos mão dos autores: Anthony Giddens (1991), Eduardo Abranches Soveral (1994) e Charles Baudelaire (1996) nos apresenta o conceito de modernidade, modernismo e moderno. Alana Vizentin (2009) retrata tanto a modernidade quanto a pós-modernidade e Linda Hutcheon (1991) que nos apresenta a pós-modernidade.

Palavras-Chaves: Rubens Fonseca, Pós-Modernidade, Violência.

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate how the representation of the other - in this case the marginalized - and violence are inserted into Happy New Year, Night Tour (I and II) and City of God, works of neo-realista Rubem Fonseca, which brought the representation of peripheral give voice to those who are in the margins of society. So we did an overview of the key concepts that will be modern, modernization and modern to arrive in postmodernity, taking into account the changes undergone by humans and how it is inserted into each of these scenarios and finally discussed in this work to marginal literature and how it conquered its space, as well as the representation of violence and the subsequent analysis of selected short stories. For the development of this research, we used the author: Anthony Giddens (1991), Eduardo Abranches Soveral (1994) and Charles Baudelaire (1996) introduces the concept of modernity, modernism and modern. Alana Vizentin (2009) portrays both modernity and postmodernity and Linda Hutcheon (1991) which features in postmodernity.

Key Words: Rubens Fonseca, Post-Modernity, Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O VALE TUDO DA MODERNIZAÇÃO	12
2.1 A pós-modernidade em questão	16
3 A VIOLÊNCIA EM RUBEM FONSECA	21
3.1 Rubem Fonseca: alguns traços marcantes	21
4 DOR, VIOLÊNCIA E MORTE: A ESCRITA QUE SANGRA.....	24
4.1 A violência: (Feliz Ano Novo)	25
4.2 Um psicopata entre nós (Passeio Noturno I e II).....	30
4.3 Ciúmes: o amor que mata (Cidade de Deus)	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Tomaremos como *corpus* de análise a contística de Rubem Fonseca, que galgou seu espaço na literatura, no momento em que deu espaço aos que vivem na margem, sendo assim percebemos na leitura de Fonseca um teor realista com uma linguagem corriqueira e escancarada.

Assim, nosso estudo se enveredará pelas discussões do eu e do outro, das envergaduras sociais sobre as representações dos marginalizados. Mostrará também como a violência se encaixa nessa nova era de pensamentos e comportamento. Para tal, fez-se necessário entendermos como o homem está inserido no contexto histórico que antecede a pós-modernidade.

A literatura brasileira, a partir da década de 70, vem experimentando novos temas, que passam a representar grupos marginalizados, fazendo com que algumas vozes possam ecoar nesse meio. Nesse sentido, surge um grupo de escritores que passam a falar desses grupos, com um teor neo-realista, em que se inscrevem uma série de valores e situações.

No capítulo que abre este trabalho retratamos o que venha a ser a modernidade, modernização e a pós-modernidade, levando em conta aparatos históricos e sociais da época observando assim como o homem está inserido nesses períodos.

Giddens (1991) defende que a "modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa", sendo necessário pensar "além da própria modernidade" para entendê-la, ou suas consequências, sendo assim, temos nesse âmbito, transitório, mudanças sociais e institucional sendo um período, que segundo ele deixou certas *descontinuidade* na era pós-moderna.

Eduardo Abranches de Soveral (1994) faz um apanhado histórico-cultural em que a modernidade está inserida, "a nova mentalidade que vai se configurando à nossa volta, e dentro de nós, apesar de hesitante e ferida por muita contradição, tem nela as suas raízes, e partilhada ainda de muitos dos seus ideais." As mudanças sofridas nesse cenário, como em todo contexto social, retrata também como o homem está inserido nesse cenário transitório e instável.

Linda Hutcheon (1991) nos apresenta a pós-modernidade como uma ruptura dos conceitos deixados pela modernidade, resultado de uma nova ordem emergente tendo como paradoxo o avanço capitalista, revolucionário das novas ideias e as novas configurações no âmbito social. Hutcheon (1991, p.19) afirma que “[...] o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia.” O homem, neste cenário, encontra-se desorientado, sendo isso, consequência da crescente ascensão do capital e da mídia que de influencia no comportamento humano, mais adiante explicaremos este conceito.

Usaremos também as contribuições de Alana Vizentin (2009) que faz um apanhado histórico do que venha a ser a modernidade, pós-modernidade e como o homem está inserido nesses cenários, assim como as suas consequentes transformações e relações com a era atual.

No segundo capítulo apresentaremos Rubem Fonseca suas principais obras, sua vida e como conquistou seu reconhecimento no campo da literatura.

No último capítulo fazemos análise do corpus usando Alejandro Reyes (2011) que nos apresenta a literatura de margem e como se configura o homem no espaço pós-moderno tendo em vista todas as alterações anteriormente descritas, a violência como forma de suprir algumas necessidades e as suas diversas ramificações nos contos *Feliz Ano Novo*, *Passeio Noturno* (parte I e II) e *Cidade de Deus*.

2 O VALE TUDO DA MODERNIZAÇÃO

O conceito de modernização está associado as constantes transformações e alterações no âmbito social, econômico, político e intelectual que infere diretamente no comportamento humano. Nesse sentido, os conceitos, que ora discutiremos: modernização, modernismo, modernidade e pós-modernidade precisam ficar balizados nesse trabalho. Cabe-nos destacar, antes de qualquer coisa, as diversas nuances no concernente a definição do termo pós-modernismo, visto que há várias correntes de crítica, que não consideram que estamos inseridos nesse contexto.

Buscaremos, portanto, não sedimentar esses conceitos, mas compreendê-los e seus diversos elementos, para que possamos discutir a obra de Rubem Fonseca e os contos escolhidos para essa análise, que refletem uma condição de homem pós-moderno. Assim, balizar os conceitos de modernidade torna-se necessário para que se possa entender a própria pós-modernidade, que aflora da primeira.

Partindo da ideia e da inquietação, recorreremos então a possível resposta a pergunta: "O que é modernidade?". Levando em consideração as postulações de Antony Giddens (1991), que sugere:

Como primeira aproximação, digamos o simplesmente o seguinte: "modernidade" refere-se a estilo, costume de vida social que emergiram da Europa a partir do século XVII [...] Isto associa a modernidade a um período de tempo e uma localização geográfica inicial. (GIDDENS, 1991, p.8)

Giddens (1991) trabalha com a ideia de que a modernidade deixou certas *descontinuidades* na era atual. As mudanças ocorridas na transição do tradicional para o moderno, ou evolucionismo social, é uma das razões porque o caráter descontinuista da modernidade tem com frequência, deixado de ser plenamente apreciado e que vai ganhar mais impulso, como veremos, na pós-modernidade.

Retomando a conceituação do que é modernidade ou vem ser a modernidade, é primordial fazermos um breve percurso histórico sobre a

origem do moderno e da consequente modernidade, que está diretamente relacionada ao Iluminismo, que começou a lançar as bases do que viria a ser uma sociedade moderna no século XIV.

O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1986) define moderno e modernidade como:

Moderno adj. 1. Dos tempos atuais ou mais próximos de nós; recente. 2. Atual, hodierno. 3. Que está na moda.
 Modernidade sf. Qualidade ou condição do que é moderno.
 Modernismo sm. 1. Preferência pelo que é moderno. 2. Facilidade em adotar ideias e práticas modernas. 3. Nome comum a diversos movimentos literários e artísticos surgidos a partir do séc. XIX (ger. defensores de inovações, contestadores de ideias clássicas ou contestadores de ideais clássicos e conservadores)

A definição trazida pelo dicionário Aurélio apresenta algumas questões que merecem reflexão: a primeira está diretamente relacionada a propor as definições de moderno, modernismo e modernidade como sinônimos; o segundo, diz respeito a sedimentar que moderno é a arte produzida, apenas, no século XX, e não com tendência de cada escritor. Contudo, o conceito alude para aquilo que é atual, presente e hodierno¹.

Segundo o filósofo Eduardo Abranches de Soveral (1994), na sua obra intitulada *Modernidade e Contemporaneidade*, o Iluminismo é parte fundamental para compreender que o pensamento moderno teve desde o princípio uma atitude que pretendia mudar e transformar o homem e o mundo de forma ambiciosa e radical, tendo em vista, ações formadas por força política, pedagógica, científica, moral/ética e técnica, este novo ideal começa a descentrar o poder eclesiástico e a tornar o homem centro de suas decisões. Este movimento passou a questionar o seu tempo e o processo de renovação veiculado à sociedade. Entre esse contexto transitório, temos alguns conceitos essenciais, uma de suas características fundamentais para que possamos compreender o ideal e a visão iluminista é de que este buscava "uma visão individualista e contratualista da sociedade, onde a liberdade, a igualdade e o

¹ Termo usado para representar o que existe ou ocorre atualmente, moderno, dos dias de hoje.

bem-estar natural se entrelaçam numa dança e contradança de alianças e conflitos, na busca teimosa de um equilíbrio perfeito e estável, onde pudessem harmonizar-se, por fim, as suas incompatibilidades.” (SOVERAL, 1994 p.6)

Segundo Soveral (1994), os conflitos de novas ideias batiam de frente com a mentalidade e a ordem social ainda vigente no século XVII. Havia uma certa resistência em quebrar os ideais existentes para sobrepor as novas ideias. A modernização neste momento vinha contrapondo as ordens tradicionais para instaurar esse novo ideal. Assim instaurar um novo pensamento, ou, evoluir as concepções vigentes foi necessário de muito esforço, digamos que esta evolução e/ou mudança é caracterizada pela modernização de pensamento, político, econômico e social.

O cristianismo também deu suas contribuições na época moderna, “é ainda nele, por mais inesperado que isso seja para muitos, que o plano material e econômico da vida humana é mais valorizado.” (SOVERAL, 1994, p.7). Podemos perceber que a ideia perpassa o moderno e sobressai na modernidade. Soveral (1994) afirma que nesses tempos de mudanças a liberdade individual era sem dúvida um forte ideal, sendo que postulavam uma nova forma de soberania que nem sequer aceitava subordinar-se aos valores religiosos.

Baudelaire (1996) ao discutir sobre a arte moderna, tratando da moda e da pintura, revela que “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. Assim, o que Baudelaire (1996) aponta é para o caráter transitório da modernidade. Podemos constatar então que, nas palavras de Vizentin (2009, p.21):

[...] característica básica da modernidade é o progresso, resultante do desenvolvimento do capitalismo que perceptível não somente pelo crescimento do mercado, mas também pelas mudanças subjetivas que ocorriam na vida das pessoas.

Sendo também “paralelo ao progresso técnico, sustentado pela nova experiência moderna, temos também um processo de emancipação do indivíduo.” Ainda, na concepção de Giddens (1991) “O século XX é o século da

guerra, com números de conflitos militares sérios envolvendo perdas substanciais de vidas, consideravelmente mais alto do que em qualquer um dos séculos precedentes." (GIDDENS, 1991, p.15)

Assim, nesse sentido, após o renascimento a modernidade passa a ser entendida como a renovação e a reconstrução de um pensamento ou ideias postas como tradicional, ela vem se acentuando e com a ruptura da tradição há abertura para a mudança, estando associada nas diversas áreas sociais e de conhecimento, sendo assim, modernização é o termo usado para apontar os efeitos e os estágios de mudanças/desenvolvimentos em determinados períodos isso ocorre quando nos referimos em: economia, política, estado, cultura, em termos gerais das estruturas sociais. Vizentin (2009, p.21):

Pensar sobre a modernidade implica necessariamente associá-la ao avanço da modernização econômica ocorrido na sociedade a partir da revolução industrial. Nesse período, é possível notar um grande progresso nas áreas científicas e industriais, e também uma explosão demográfica que trouxe consigo um expressivo crescimento.

Neste momento faremos um apanhado histórico para que possamos entender o Modernismo, movimento voltado para a estética, que no Brasil teve início no século XX. Voltemos para um período que antecede a instauração de tal movimento no Brasil, o país é marcado por transformações que englobam tanto o política quanto a indústria. Ainda desse momento, as significantes desigualdades entre classes são expressivas ocasionando assim uma mobilização que leva os trabalhadores a se organizarem e protestarem por melhorias no âmbito de trabalho.

Neste cenário de inquietação social temos o desejo de um novo espaço, tomando assim novos rumos libertadores, rumos esses que são notórias principalmente na pintura, na música e na arquitetura.

Mudanças conhecidas então como Modernismo, temos no Brasil em fevereiro de 1922 a semana de arte moderna que teve com principal objetivo o rompimento com tradicionalismo e a implantação, ou renovação de um ideal.

O modernismo é dividido em três fases. A primeira é a fase de "destruição" ou "rompimento" que vai de 1922 a 1930, que tem como principal característica a libertação da linguagem, da expressão, temática e renovação da estética. Retratar a vida cotidiana com uma linguagem coloquial é um exemplo dessa proposta.

A segunda fase é compreendida de 1930 a 1945 na prosa temos autores que viriam se afirmar modernistas inquietos com problemas sociais de seu tempo, assim temos várias temáticas entrando em cena como o regionalismo universal.

A terceira fase é compreendida após 1945 (ou geração de 45) que retrata as temáticas da morte, da vida, do amor, do ódio assim como tendência intimista, regionalista e introspectiva voltada para sondagens psicológicas e conflitos humanos. Aproveitando as mudanças estéticas e de linguagem, a poesia toma outro rumo e temática – amorosa, social, religiosa, espiritualista – sendo assim essa fase é conhecida como a fase de "construção", tem certo amadurecimento dos autores dessa época que resgatam temáticas tradicionais, sem perder o que até então havia sido conquistado.

Por fim a literatura dessa fase é influenciada pelo que acontecia no mundo e no Brasil. Nesse período temos o fim da Segunda Guerra Mundial (1929 - 1945) e o início da Guerra Fria (1945 - 1991). No Brasil o fim da ditadura Vargas (1930 - 1945), de 1964 a 1985 temos o período de ditadura militar.

2.1 A pós-modernidade em questão

Assim como na modernidade, a pós-modernidade contesta o ambiente em que o indivíduo está inserido e suas transformações. Muito se fala sobre a pós-modernidade, faremos aqui um sobrevoo para entendermos algumas das principais e mais usadas formas de compreensão, vamos então entender o que venha a ser esse novo estilo e então dito pós-modernismo.

Com caráter transitório, podemos de início perceber mudanças relacionadas a arte e as mudanças ocorridas nas demais estruturas sociais. Nas palavras de Hutcheon (1991):

Assim como grande parte da teoria literária contemporânea, o romance pós-modernista questiona toda aquela série de conceitos inter-relacionados que acabaram se associando ao que chamamos, por conveniência, de humanismo liberal: autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade, teleologia, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem. (HUTCHEON, 1991, p.84)

Dessa forma o questionamento é uma característica da pós-modernidade. Com a ascensão do capitalismo, ficou visível, na era pós-moderna, mudanças no cenário social, crescimento demográfico e mudanças de subjetividade na vida das pessoas, sentido esse vindo da modernidade. Vizentin (2009) afirma que:

A partir da nova ordem econômica capitalista, a sociedade passou a vivenciar um paradoxo causado pelo avanço do desenvolvimento econômico, que foi gerador de exploração e alienação e também responsável pela destruição dos valores culturais e políticos que a própria modernidade havia tornado possível. (VIZENTIN, 2009, p.21)

A pós-modernidade é a consequente quebra de valores sociais, culturais e também quebra de paradigmas criados como únicos e nesse contexto já é perceptível uma inversão de valores, contradições do que fora até então construído.

Percebemos que a partir dessa perspectiva vai se abrindo espaço para o que então havia se mantido como inexistente ou oculto que nos direciona a quebra de valores postos antes como homogêneos, surgindo assim na era pós-moderna a heterogeneidade cultural, ou seja, a sociedade que vivia na margem passa a ter seu valor e reconhecimento, algo que até então não era visível pois ficava as sombras da elite.

Dessa forma, podemos perceber que “se na modernidade, o homem possuía uma identidade estável, na qual, havia classes sociais e estruturas

bem definidas, na pós-modernidade, emergem e se misturam as mais variadas culturas." (VIZENTINI, 2009, p.21) Existe, na representação literária da vida pós-moderna, a quebra da distância entre o que é a elite e o popular:

Outro paradoxo pós-moderno estabelecido por esse tipo específico de ficção encontra-se em sua eliminação da distância entre arte de elite e arte popular, uma distância que foi, indiscutivelmente, ampliada pela cultura de massa.

A pós-modernidade tem como característica a mistura de diversas culturas e conceitos sociais, digamos que neste cenário há uma inversão de valores deixando neste cenário certa desorientação. A verdade, neste contexto pós-moderno, passa a ser entendida como algo heterogêneo, deixando assim, de ser um conceito universal para ser individual, marca da então pós-modernidade, como também o ato "de registrar e contestar suas próprias formulações provisórias." (HUTCHEON, 1991, p.41)

Verificamos então nas palavras de Hutcheon (1991) que "o abandono do desejo e da expectativa de um sentido indiscutível e único é a passagem para um reconhecimento do valor das diferenças, e até das contradições, poderiam ser um primeiro passo experimental para a aceitação da responsabilidade pela arte e pela teoria como processos significativos." (VIZENTINI, 2009, p.41).

A pós-modernidade não abre mão do passado, das verdades que existiam, ela vem para repensar, reformular, "questiona sistemas centralizados, totalizados, hierarquizados e fechado". (HUTCHEON, 1991, p.65). As interrogações abrem espaço para o que é diferente, surge então na era pós-moderna um paradoxo filosófico, social, cultural, histórico e epistemológico, sobre tudo o que já foi criado e estudado. Nas palavras de Hutcheon (1991, p.29):

O conceito de não-identidade alienada (que se baseia nas oposições binárias que camuflam as hierarquias) dá lugar, conforme já disse, ao conceito de diferenças, ou seja, à afirmação não da uniformidade centralizada, mas da comunidade descentralizada - mais um paradoxo pós-moderno.

Podemos perceber, neste novo cenário que, o sujeito pós-moderno encontra-se aprisionado em uma relação consigo mesmo, tendo como consequência seu individualismo e pouco se importando com outras causas que o rodeia. Ele passa a ter uma certa desestabilidade, sendo assim que “é pelo amor exacerbado pela imagem e a dessubstancialização, pela falta de identidade, pela grande sensação de vazio que pode ser caracterizado o sujeito pós-moderno.” (VIZENTIN, 2009, p.24)

A urbanização, o capitalismo e a globalização desenfreada é um importante percursor da desordem moral e cultural por trazer um multiculturalismo que traz consigo grandes problemas sociais. As intervenções demográficas fazem com que as classes ditas como “elite” permaneçam no “centro” (urbano) e empurrem para as margens (favela) os poucos favorecidos.

Naturalmente, este crescimento demográfico gera problemas estruturais, como desemprego, falta de moradia e as precárias condições de saúde, exclusão social, e marginalidade. A cidade fornece o palco e o cenário para deslanchar atos de violência, que acontecem em quase todos os grandes centros urbanos do mundo contemporâneo. (VIZENTIN, 2009, p.26)

Com esse crescimento, também, há uma ampliação no sistema de informação, com isto o indivíduo acaba sendo sobrecarregado com informações que ele ao menos consegue digerir. “Aqueles que não podem pertencer ao jogo do consumismo são marginalizados e excluídos da sociedade.” (VIZENTIN, 2009, p.18). Com isto, o estilo de vida muda, dando espaço assim para o consumismo excessivo, abrindo espaço para que esse grupo marginalizado faça de tudo para entrar no jogo a qualquer custo, mesmo que tenham que usar da violência para isto.

Neste contexto, surge então a inspiração para a literatura, que passa a retratar, em forma de ficção, os problemas encontrados na vida real. Vizentin (2009): “Dessa forma, a relação entre literatura e cidade assume um caráter de denúncia dos problemas sociais.” (2009, p.26).

Nesse momento percebemos o olhar para as margens, assim: o negro, a mulher, o homossexual e o pobre acabam exigindo seu espaço e que sua voz seja ouvida e não mais abafada pela “elite”. Nas palavras de Hutcheon (1991):

A ação do romance dispersa o centro da primeira família e desloca as margens para dentro dos múltiplos "centros" da narrativa, numa alegoria formal da demografia social da América urbana. Além disso, faz-se uma longa crítica aos ideais democráticos americanos por meio da apresentação do conflito de classes implantado na propriedade capitalista e no poder que se baseia no dinheiro. (HUTCHEON, 1991, p.89)

Portanto, a partir dos conceitos e abordadas até então, podemos perceber que o indivíduo, assim como a literatura deste novo cenário se espelha e retrata a realidade da sociedade deslocada, "recebem o adjetivo de fragmentadas, velozes estão em diálogo com uma sociedade que merece os mesmos adjetivos." (VIZENTIN, 2009, p.27) Sendo assim as características da sociedade, ou seus adjetivos são transportados para a ficção, é na velocidade e na fragmentação que essa literatura vai se espelhar.

3 A VIOLÊNCIA EM RUBEM FONSECA

3.1 Rubem Fonseca: alguns traços marcantes

Contista, romancista, ensaísta e cineasta, José Rubem Fonseca (1925) ou Rubem Fonseca, como é popularmente conhecido, é consagrado como um dos mais originais pensadores brasileiros nasceu em Juíz de Fora, Minas Gerais, no dia 11 de maio de 1925. Foi office boy, nadador, escriturário, revisor de jornal. Estudou Direito na Universidade do Brasil, hoje Universidade do Rio de Janeiro. Entrou para a polícia como comissário do Distrito Policial de São Cristóvão. Trabalhou pouco tempo nas ruas. Era um policial de gabinete, cuidava dos serviços de relações públicas da corporação. Em 1953, foi escolhido para se aperfeiçoar nos Estados Unidos e durante esse período fez mestrado em Administração na New York University. Regressou ao Brasil em 1954. Argumentista e roteirista de filmes, exerceu essas atividades ao lado do trabalho na Light do Rio de Janeiro. Em 1958 foi exonerado da polícia, se dedicando integralmente à literatura.

Passou, a dedicar-se exclusivamente à literatura na década de 60, e inaugurou sua carreira com uma coletânea de contos com a obra "Os Prisioneiros", publicado em 1963. É autor de 25 livros, que alguns receberam grandes prêmios como: o prêmio Coruja de Ouro, pelo roteiro de "Relatório de um Homem Casado". Recebeu o prêmio Kikito, do festival de Gramado, pelo roteiro de "Stelinha". O Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo roteiro de "A Grande Arte", o Prêmio Jabuti e o Prêmio Camões. É considerado um dos maiores ficcionistas em atividade no Brasil.

Sabe-se que a maioria das obras de Rubem Fonseca foi produzida entre 1964 e 1985, período em qual o Brasil passava por um rígido regime militar. Tendo também algumas obras escritas após o período militar, dialogando com o contexto que o Brasil vivia, estas evidenciam um quadro de perda de valores, transgressão moral, desvalorização das instituições e apatias dos seres.

Segundo Vizentin (2009):

Os temas da obra fonsequeana são sua marca mais peculiar como escritor: ele explora frequentemente a violência, a marginalidade e o erotismo. Para as suas personagens, a marginalidade é o eixo transgressor; elas utilizam a violência com o intuito de romper, denunciar, revelar as mazelas sociais. (VIZENTIN, 2009, p.13)

A violência tem lugar de destaque nos meios de comunicação, e a sociedade tem uma ligação forte com esse tema, a violência está presente no cotidiano que deixa de ser algo chocante para ser algo comum. Ler os textos de Fonseca é como assistir algum telejornal, uma escrita cheia de sangue, sofrimento e desilusão. Apresenta-se como um retrato de uma sociedade em que alguns indivíduos são excluídos e outros são regados de mordomias, que dessa forma levam os sujeitos que foram postos as margens a fazer um jogo com a vida, onde estes estão no comando, tendo como consequência a violência extrema.

O livro de contos "Feliz Ano Novo", publicado em 1975, foi recolhido pela censura em Dezembro de 1977, tendo em vista que neste cenário a literatura visava a denúncia da realidade, sendo liberado em 1989, depois de longa batalha judicial. Essa foi sem dúvidas a obra mais questionada, não somente pelos seus méritos literários, mas também por ser considerado pela crítica e a censura uma apologia a violência e a pornografia, esse conto retrata o mundo violento da (s) cidade (s), tendo como inspiração a violência retratada nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Vejamos uma passagem do conto "O outro" um exemplo da escrita e temática de Fonseca:

Não acabou de falar, ou se falou não ouvi, com o barulho do tiro. Ele caiu no chão, então vi que era um menino franzino, de espinhas no rosto, e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguia esconder. (FONSECA, 2010, p. 79)

Sendo assim:

Esse caráter marginal presente nas obras de Fonseca mostram a transparência do mal com o intuito de abrir espaço para

pensar nas diferenças sociais uma vez que a maldade percorre todas as classes sociais. (VIZENTIN, 2009, p.13)

Portanto, a escrita se espelha na problemática social, fazendo com que o leitor perceba a relação e a aproximação com o real. Segundo Oliva (1999) "as cenas não são bonitas, nenhum pouco recomendável. A violência da linguagem causa vertigens e é um dos procedimentos utilizados pelos narradores fonséquianos na construção desse mundo ficcional." Usando de um vocabulário acessível e verossímil², tendo como característica a brutalidade em suas obras, sua escrita se aproxima da oralidade. Vejamos a seguinte passagem do conto "Feliz Ano Novo" (FONSECA, p. 15): "Subi a gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo?"

Por fim, o destaque nas obras de Fonseca são méritos de sua linguagem escancarada, que reencena e transmite através da literatura a degradação moral vivenciada pelo indivíduo em uma sociedade onde a violência tem seu lugar de destaque, moderna e pós-moderna.

² Que aparenta ser verdadeiro ou se aproxima da realidade.

4 DOR, VIOLÊNCIA E MORTE: A ESCRITA QUE SANGRA

Como podemos perceber, a literatura traz, neste novo cenário, uma relação íntima com a vida real, transcendendo assim para a ficção valores morais e problemática vivenciada pela sociedade pós-moderna. Segundo Souza (2005), existe uma crise cultural consequência da civilização moderna.

É nos grandes centros que se encontra essa grande hibridação cultural e social, tendo como consequência o número elevado de “violências”, neste sentido, retrata a violência no plural, pois inclui-se todas as diversas formas, seja, violência moral, física, psicológica, sexual e negligência tendo em vista que “a dinâmica da formação cultural brasileira, desde a colônia até hoje, resume-se assim: imposição e violência.” (ARIAS, 2011, p.26).

Arias (2011) aponta que o reconhecimento deste estilo na modernidade, tendo em vista que neste momento a temática da favela, das populações marginais ou marginalizadas é mesclada com as violências e outros sintomas de desigualdades no Brasil. A literatura de margem buscava uma identidade, uma escrita do povo para o povo, tendo a relação de distinção entre cânone e margem.

Tendo então a violência estado cada vez mais presente em nossa sociedade, “acompanha um sentimento de insegurança e de medo atravessa todas as classes sociais.” (ARIAS, 2011, p.113) Fonseca nos contos escolhidos nos mostra uma sociedade decapitada, heterogênea, ele usa de temas corriqueiros, a maioria de seus personagens carregam marcas de uma sociedade corrupta, enfraquecida por valores imorais, “tendo como foco preferencial, as consequências inumanas da miséria humana, do crime e da violência. (SCHOLLHAMMER, 2011, p.22). Dessa forma o foco dos autores pós-modernos é retratar o cotidiano, passagens de uma sociedade despedaçada, como forma de denuncia e registro.

Portanto a era atual, segundo Schollhammer (2011, p.14) coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção, da miséria. A violência ocupa nos meios de comunicação um lugar de destaque, vemos nos noticiários matérias cheias de sangue e sofrimento. Os contos escolhidos para este trabalho configuram-se no que foi nos capítulos anteriores esclarecido, como também as resultantes das mudanças ocorridas na sociedade foram desordenadas, deixando assim algumas marcas que são retratadas pela literatura como assimilação da realidade pós-moderna pela ficção.

4.1 A violência (Feliz Ano Novo)

"Feliz Ano Novo", conto que faz parte de uma obra que contém quinze contos, no qual o primeiro leva o nome do livro, originalmente foi publicado em 1975, como já foi afirmado anteriormente é considerado o livro mais polêmico do autor não só por sua linguagem "brutal", mas também por carregar marcas de reais de uma sociedade pós-moderna.

O conto se passa na cidade do Rio de Janeiro em época de fim de ano, por um lado temos uma mansão (no centro da cidade), um banquete e indivíduos cheios de joias, por outro temos um barraco (na favela) sem saneamento básico, em que os indivíduos esperam o outro dia para comer frango de despacho. Os integrantes do barraco planejam assaltar uma casa saem a procura do melhor lugar para fazer o "serviço" eles têm em mãos um arsenal e estão prontos para suprirem suas necessidade (s) a qualquer custo e o fazem, roubam, comem, matam e transam deixam um rastro de destruição e caos, após vão para casa como se nada tivesse acontecido, como se aquela cena fosse casual.

Como vimos no conto encontramos confronto de classe social e condição, uma contraposição entre: riqueza, pobreza, realidade e ficção, onde os protagonistas apresentam um retrato de uma sociedade que vive a margem. Souza (2005, p.219) retrata essa condição marginalizada e sua visão:

Finalmente, a humilhação social marca o mundo dos pobres, que sentem a aversão, o desprezo e o racismo como fenômeno ao mesmo tempo psicológico e político. A humilhação assume a forma de uma angústia, tolhendo os gestos, a imaginação e a fala do humilhado.

Marca que está presente no conto na seguinte passagem: "Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madamas vão dar para você?" (FONSECA, 2010, p.10) Dessa forma notamos o preconceito perante os marginalizados, como a sociedade os descrimina, fazendo com que as marcas do pré-conceito fique registrada e representada na sua própria fala.

Zequinha, Pereba e um "eu", narrador-personagem, tem uma ligação pelos seus atos infracionais, vivem com fome de comida e sexo e esperam o dia seguinte para pegar cachaça, farofas e frangos dos macumbeiros, assim percebemos o quanto esses indivíduos se encontram na pobreza. Quando o "eu" narrador menciona que está com algumas armas, Zequinha pede para vê-las e após terem fumado e bebido decidem usá-las em um assalto, uma "casa cheia de rico por aí" e o fazem de maneira cruel, brutal e chocante.

Esta narrativa apresenta linguagem crua e brutal, a violência neste cenário literário como um "denominador, um substrato fundamental das narrativas periféricas, a partir do qual elas não só retratam a própria realidade, mas fazem uma crítica da sociedade brasileira com um todo." (REYES, 2011, p.120).

A linguagem contida na maioria dos contos de Fonseca, principalmente neste conto analisado tem por função marcar o lugar de quem fala, observe: "Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?" O termo usado "xoxota" é para se referir ao órgão sexual feminino, ou a vagina, Fonseca transcreve essa palavra em seu conto para marcar dando assim características do lugar em que o personagem está inserido, o indivíduo sem escolarização, neste caso o

marginal. Vejamos: "Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa." Notamos neste trecho além do termo pejorativo "punheta", notamos a gíria "manda brasa" que também marca o lugar em que o indivíduo está inserido dessa forma aqui pode ser substituída pelo verbo fazer. Notamos então que a linguagem utilizada pelo autor é escancarada, os diálogos são curtos e marcam a oralidade, percebemos estas marcas também nas seguintes palavras usadas no decorrer do conto: "tô", "a gente", "tão", "merda" entre outras.

Percebemos logo de início a oposição de classes, tendo assim a verossimilhança com a realidade, enquanto têm o que vestir e comer outros vivem na penúria, vemos essa contraposição no seguinte fragmento:

Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casa de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.

Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.

Vai mijar em outro lugar, tô sem água.

Pereba saiu e foi mijar na escada. (FONSECA, 2010, p.9)

Observamos alguns traços que marcam os indivíduos, o local em que moram geralmente são "barracos" sem eletricidade, comida e totalmente sem saneamento básico. Algumas características físicas também são marcantes no conto, como já mencionado Pereba é preto, pobre e sem dentes, o personagem sai dos padrões posto pela sociedade de consumo e midiática, que visam a aparência e o capital. Vejamos: "Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor. Vai mijar noutro lugar, tô sem água. Pereba saiu e foi mijar na escada." (Fonseca, 2010, p.9). Neste trecho temos as condições de vida dos indivíduos que estão na "margem", sem nenhuma condição de higiene e saneamento. Vejamos este outro trecho que marca a sociedade de classe média ou a "elite": "A banheira era um buraco quadrado grande de mármore

branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado.” (Fonseca, 2010, p.15).

O não encaixe de certos indivíduos em padrões definidos pela mídia, e muitas vezes pela sociedade, os levam para caminhos que podem ser desumanos, a exclusão do indivíduo ou ao encaixe a qualquer custo - a carência é um fator predominante - mesmo que para isto use da “violência”. A revolta por parte dos personagens fica claro quando, ele menciona que queria ser “rico, sair da merda em que estava metido!...” (FONSECA, 2010, p.10).

Muitas vezes é na violência que o indivíduo marginalizado encontra a saída para suprir sua carência e exclusão, com esse intuito os personagens do conto, munidos de um arsenal sendo “uma Thompson lata de goiaba, uma carabina 12, de cano serrado e duas Magnum.” (FONSECA, 2010, p.12), para satisfazer suas necessidades de dinheiro, sexo e comida vão pelas ruas do Rio de Janeiro a procura de uma casa em que esteja dando festa, a violência aqui é usada como recurso, “o mulherio tá cheio de joia [...] e os barbados tão cheio de grana na carteira. ” (FONSECA, 2010, p. 13).

Segue então, ao encontrar o lugar perfeito, uma sequência de atos violentos. Os marginais fazem com que todas as vinte e cinco pessoas, contado por eles, deitem e fiquem em silêncio. Então sobe Gonçalves, codinome dado a Pereba para evitar possíveis reconhecimentos, com a dona da casa para que desçam com a mãe dela. Pereba desceu sozinho e quando questionado sobre as mulheres diz: “Engrossaram e eu tive que botar respeito.” (FONSECA, 1991, p.15). Ao seguir o conto, notamos que Pereba executa a mulher, usa da violência sexual como forma de suprir sua vontade, colocando assim a responsabilidade na “Mulher” quando o narrador diz: “Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo?” (FONSECA, 1991, p.15).

Em outro ponto temos a narração de uma execução e podemos notar como a violência está inserida nesse conto. O narrador fica revoltado com a intrusão de Mauricio que está no chão, talvez por inveja, não de Mauricio, mas

de sua condição social pede para que ele se levante e o mata com um tiro de doze, buraco que caberia um panetone, segue a cena:

Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede?

Ele se encostou na parede.

Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado.

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone. (FONSECA, 2010, p. 17).

Usam do poder e a condição em que estão para saciar todas as suas vontades, dessa forma o estupro se mostra chocante, Fonseca (2010, p. 18): "A garota tentou atrapalhar mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá." Após terem satisfeitos suas necessidades os três saem da mansão com tudo que conseguiram levar, incluindo joias e comida.

Por fim, como mencionado, "Feliz Ano Novo" carrega uma linguagem "crua" marcada pela oralidade, o conto nos mostra uma sociedade dividida, de um lado temos a "elite" e de outro temos os marginais, classe de indivíduos que buscam de qualquer forma encaixar nos padrões postos pela sociedade pós-moderna e usam dos atributos que lhes são possíveis para o êxito, a violência é uma forma de imposição, sendo assim temos um conto que se assemelha a realidade atual ou pós-moderno, fazendo muitas vezes com que o leitor não distinga o que é realidade ou fantasia.

4.2 Um psicopata entre nós (Passeio Noturno – parte I e II)

Passeio Noturno (I e II) narra a vida de um homem da classe média, sua família ocupada com coisas fúteis, e seu desejo por “passeios noturnos” que escodem sua real personalidade. O empresário sai sempre a noite após o trabalho com seu carro, um jaguar preto, escolhe o melhor lugar para ali então fazer suas vítimas e realizar suas fantasias, com o carro, atropela e sem dar chances para que elas saiam com vida vai para a casa descansar depois de um dia cansativo.

Da mesma coletânea de “Feliz Ano Novo”, já mencionado no capítulo anterior, Passeio Noturno - parte I e II carrega uma linguagem célere e fragmentada, marca essa da escrita Fonsequiana. Tendo no conto anterior, em certo ponto, a violência como uma forma de suprir as necessidades dos indivíduos marginalizados (como fome não só de alimento como de reconhecimento) neste a violência exercida é para auto realização de quem está no centro, de quem é “elite” e que tem todas suas necessidades básicas realizadas, assim neste conto a violência é exercida para satisfação, prazer e/ou alívio. Vizentini (2009, p.25) afirma que:

O homem pós-moderno acaba fixando-se nas pequenas práticas cotidianas, pois limita as perspectivas à simples sobrevivência. O tempo instantâneo e ausente de substância é um tempo em que o que sujeito procura a realização imediata.

No início do conto (parte I) cada personagem está em um cômodo da casa, marcando assim a individualidade, notamos também que não há um diálogo entre a família, característica essa também do homem pós-moderno: “Minha mulher jogando paciência na cama [...] minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrifônica no quarto do meu filho. (FONSECA, 2010, p.54). Assim, nas palavras de Vizentini (2009, p. 50): “Esse caráter virtual da comunicação marca um traço paradoxal da arte contemporânea: trata-se da presença que se faz ausência.” O narrador

personagem também se isola ao chegar em casa e apenas espera a hora para sair:

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. (FONSECA, 2010, p.54)

Os membros da família se mostram cada vez mais ocupados em suprir apenas as próprias necessidades, ou seja, realização pessoal está cada vez em ascensão, no trecho acima o pai vai para a biblioteca e fica sem fazer nada, sozinho enquanto todos estão em casa ocupados com seus afazeres, presos em suas próprias individualidades.

Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta. (FONSECA, 2010, p.55)

Nas duas partes do conto (I e II) temos um narrador-personagem, O executivo de classe alta tem uma forma peculiar de aliviar a tensão do dia-dia e o stress do trabalho. Matar homem ou mulher, realmente não importa as vítimas não são vistas como indivíduos, são vistas como um objeto para satisfação e realização de desejo, verificamos isto no fragmento:

Homem ou mulher ? Realmente não fazia grande diferença [...] Então vi a mulher, poderia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. (FONSECA, 2010, P.55)

Ela saltou. Foi andando pela calçada, lentamente, fácil de mais, e ainda por cima mulher, mas eu tinha que ir logo para, já estava ficando tarde. (FONSECA, 2010, p.62)

As cenas narradas pelo personagem mostram que não há nenhuma forma de piedade com as vítimas e não dão a elas nenhuma forma de escapatória. "Aquilo que quero chamar de pós-modernismo na ficção usa e abusa paradoxalmente das convenções do realismo e do modernismo, e o faz com o objetivo de contestar a transparência dessas convenções..." (HUTCHEON, 1991, p.79). Dessa forma notamos como Fonseca usa da literatura para denunciar a realidade da época e de certa forma retrata a

sociedade pós-moderna, dessa forma faz com que o leitor se identifique com a realidade vivida hoje nas grandes metrópoles, a literatura do autor se mostra cada vez mais atual.

Percebemos isto na seguinte cena:

Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais para a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões[...] Ainda deu pra ver o corpo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinho de subúrbio. (FONSECA, 2010, p.56)

Apaguei as luzes e acelerei o carro. Tinha que bater e passar por cima. Não podia correr o risco de deixa-la viva. Ela sabia muita coisa a meu respeito, era a única que pessoa que havia visto o meu rosto, entre todas as outras.

Bati em Ângela com o lado esquerdo do para-lama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente – senti o som surdo da frágil estrutura do corpo se esmigalhando – e logo atropeliei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela já estava liquidada, apenas talvez ainda sentisse um distante resto de dor e perplexidade. (FONSECA, 2010, p.62)

Depois de ter seus desejos satisfeitos e aliviado de todo o peso e cansaço do dia turbulento, o personagem narra como se sente (parte I): "Corri orgulhosamente a mão de leve no para-lamas, os para-choques sem marca." (FONSECA, 2010, P.56). Em um diálogo com a mulher (parte II) percebemos o quão aliviado ele se mostra: "Estava nervoso?, ela disse. Estava, mas já passou." (FONSECA, 2010, p.63).

Por fim, Passeio Noturno- parte I e II A ficção que neste cenário se mostra como um espelho da sociedade atual, como na pós-modernidade e com tanta tecnologia a família se encontra desestruturada, lança ao leitor uma crítica de como a sociedade sofre e pratica a violência de todos os lados, formas e em todas as estruturas sociais, que são justificadas pela tensão do mundo moderno, o empresário que busca relaxar de um tenso fazendo vítimas com seu carro importado.

4.3 Ciúmes: o amor que mata (Cidade de Deus)

Cidade de Deus tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro. Um narrador em terceira pessoa nos apresenta João Romeiro, popularmente conhecido como Zinho e Soraia Gonçalves, moradores de um bairro nobre na Barra da Tijuca. Zinho comanda o tráfico de drogas na favela de Jacarepaguá. Soraia em primeiro momento no conto se mostra “dócil” e “calada” escondendo assim seu personalidade manipuladora, ela em certo momento da narrativa pergunta para Zinho se ele seria capaz de mata uma pessoa por ela, e é neste momento que a narrativa pode aflorar no leitor sentimentos como ira, ódio e revolta, o alvo é um garoto de sete anos, ela deseja a morte do garoto para que Rodrigo, o pai do garoto e seu ex-namorado sofra, Zinho não se abstém, pois o mesmo já mandou furar a mão de dois garotos sendo que um aparentava ter dez anos. Na manhã seguinte Zinho sai de carro e fica fora por alguns dia como é de costume, ao retornar Soraia pergunta se ele havia feito o seu pedido, ele responde afirmativamente e narra como o fez.

Partimos então do amor cortês idealizado na Idade Média ao amor narcisista, que busca a liberdade e a satisfação sexual, assim é o homem contemporâneo, nas palavras de Vizentini (2009, p.24):

É pelo amor exacerbado pela imagem e a dessubstancialização, pela falta de identidade, pela grande sensação de vazio que pode ser caracterizado o sujeito pós-moderno.

Verificamos isto no seguinte fragmento do conto: “Foram para a cama. Zinho era rápido e rude e depois de foder a mulher virava as costas para ela e dormia.” (FONSECA, 2012, p.5). Notamos também nesta passagem como a linguagem carrega marca da oralidade, Fonseca usa de uma linguagem cotidiana e desnuda.

Temos neste cenário então o amor exacerbado, que nas suas diversas forma se torna também um amor doentio, capaz de tudo para superar a dor,

então o ciúme é a consequência desse amor desmedido, características do homem pós-moderno.

É possível, no decorrer do conto, observarmos algumas características psicológicas da personagem Soraia que movida por um desejo de vingança torpe, se mostra uma mulher sem nenhum escrúpulo e de forma brutal, tem seu ideal alcançado. Soraia de personalidade multifacetária esconde um sentimento cruel.

Quando voltou, levou Soraia para a cama e ela docilmente obedeceu a todas as suas ordens, antes de ele dormir, ela perguntou, você fez aquilo que eu pedi ?"(FONSECA, 2012, p.5)

Como mostrado Soraia se mostra, agora, manipuladora, nos mostra uma mulher calculista capaz de qualquer coisa para alcançar seu plano de vingança.

O casal se mostra imoral, ela por fazer um pedido com trágicas consequências e ele por acatar de forma sutil seu pedido sem questionar, assim notamos como a violência e morte se torna algo banal e comum.

O que foi que ele te fez?"
Nada. Ele é um menino de sete anos. Você já matou um menino de sete anos?
Já mandei furar a bala as palmas das mãos de dois merdinhas que sumiram com uns papelotes, pra servir de exemplo, mas acho que eles tinham dez anos. Por que você quer matar um moleque de sete anos?"
Para fazer a mãe dele sofrer. Ela me humilhou. Tirou o meu namorado, fez pouco de mim, dizia para todo mundo que eu era burra. Depois casou com ele. Ela é loura, tem olhos azuis e se acha o máximo. (FONSECA, 2012, p.5)

Neste diálogo, percebemos como a violência na pós-modernidade se torna corriqueira e fútil, tendo como consequência a morte, e é a partir dessa consequência que Fonseca choca o leitor, usando de diálogos em que os personagens não demonstram nenhuma culpa ou compaixão nos atos praticados, tirar a vida de um menino de sete anos para se vingar do ex-namorado parece ser justificável. Matar se mostra uma forma de resolver certos problemas, de realização própria. "É neste aspecto que Fonseca alcança

mais uma vez a verossimilhança, já que desnuda a sociedade revelando com frieza as suas mazelas e deficiências." (VIZENTIN, 2009, p.37).

Zinho narra a história que segue com furor e crueldade:

Faço o que prometo, amorzinho. Mandeí meu pessoal pegar o menino quando ele ia para o colégio e levar para a Cidade de Deus. De madrugada quebraram os braços e as pernas do moleque, estrangularam, cortaram ele todo e depois jogaram na porta da casa da mãe. Esquece essa merda, não quero mais ouvir falar nesse assunto", disse Zinho.
Sim, eu já esqueci. (FONSECA, 2012, p.6)

Por fim a violência é vista como algo corriqueiro, notamos como os indivíduos querem a qualquer custo satisfazer seus propósitos, a verossimilhança com a realidade pós-moderna, o amor obsessivo de Soraia gera consequências devastadoras. Zinho para satisfazer a vontade da amada manda matar sem piedade o garoto.

Fonseca nos mostra através de sua linguagem corriqueira como os indivíduos pós-modernos estão cada vez mais individualizados, Soraia é a marca de uma sociedade frívola, individualista que movida pelo desejo de vingança se mostra manipuladora, assim a literatura de Fonseca se espelha na realidade. Ficção e realidade se entrelaçam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que com ascensão do capitalismo na década de 70 a sociedade passou por inúmeras mudanças no âmbito intelectual, social, midiático, cultural e demográfico, influenciado por essas mudanças surgiram escritores que visavam uma identidade para a literatura Brasileira, os artistas visavam a quebra/mudança de valores estéticos e temáticos até então criado, surge então a necessidade de uma nova identidade. O modernismo surgiu para caracterizar essa libertação de valores instituídos na época e a literatura em sua maioria era usada com grande teor regionalista com valores universais, assim o amor, o ódio, a vida e morte eram temas corriqueiros.

Surge então em 1945 alguns escritores que continuam a inovar a estética literária, preocupados com o intimismo e os problemas sociais como a corrupção, a traição, a violência são temas usados como forma de denunciar a realidade da época. A linguagem nesse período de inovação também sofre mudanças e a oralidade marca essa escrita.

Emerge nesse cenário a escrita de Rubem Fonseca, escritor que como vimos utiliza em suas obras essa marca moderna, o autor usa de uma linguagem corriqueira marcada pela oralidade com diálogos rápidos sua literatura se espelha na realidade pós-moderna.

Vimos nos contos analisados como a temática social e a violência então presentes, temos em sua literatura um teor, como já mencionado, neo-realista, temos uma sociedade fragmentada, híbrida e fragmentada. A análise literária mostrou as características dessa sociedade pós-moderna e da literatura que ocupa destaque nesse novo cenário, demonstrando assim a ruptura com as temáticas e estilos tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unespe, 1991

VIZENTIN, Alana. **Rubem Fonseca e a pós-modernidade: Uma história de contos e de amores**. Porto Alegre: Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009

REYES, Alejandro Arias. **Vozes dos Porões: A literatura Periférica no Brasil**. Tradução de Raul Fiker. California. eScholarship, 2011

FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. 4ed. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 2010

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1996

SOVERAL, Eduardo Abranches. **Modernidade e Contemporaneidade**. Porto; Elcla Editora, 1994

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernidade: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro; Imago, 1991

Aurelio Buarque de Holanda Ferreira: **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2ed. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2011.